



NOTA SOBRE O EMPREGO DE FILMES ROUBADOS

Guy Debord

Sobre a questão dos filmes roubados, ou seja, os fragmentos pré-existentes de filmes de terceiros incorporados aos meus próprios filmes – notadamente em *A Sociedade do Espetáculo* (Guy Debord, 1974) – (considero aqui principalmente os filmes que *interrompem* e pontuam, com seus próprios diálogos, a narração derivada do livro), é preciso notar os seguintes pontos:

Já se podia ler em “Mode d’emploi du détournement” (*Lèvres nues*, n. 8): “É preciso conceber um estado paródico-sério onde a acumulação de elementos distorcidos... é empregada para restituir um certo sublime”.

A “distorção” não é inimiga da arte. Os inimigos da arte são, ao contrário, aqueles que não consideram as lições positivas da “arte degenerada”.

No filme *A Sociedade do Espetáculo*, os filmes (de ficção) usados e distorcidos por mim não são tomados como *ilustrações* críticas de uma arte da sociedade espetacular, contrariamente aos documentários e aos noticiários, por exemplo. Esses filmes ficcionais roubados, sendo externos ao meu filme e transpostos para ele, são encarregados, *qualquer que seja seu sentido precedente*, de representar, ao contrário, a *inversão da “inversão artística da vida”*.

Por trás do espetáculo, havia a vida real deportada para além da tela de projeção. Eu pretendia “expropriar os expropriadores”. *Johnny Guitar* (Nicholas Ray, 1954) evocava lembranças reais do amor; *Tensão em Shangai* (Josef von Sternberg, 1941), outros lugares aventureiros; e *Por Quem os Sinos Dobram* (Sam Wood, 1943), a revolução vencida. A sequência do western *Rio Grande* (John Ford, 1950) intencionava evocar toda ação e reflexão histórica. Já *Grilhões do Passado* (Orson Welles, 1955) evocava de início a Polônia, e depois a vida justa. O filme russo, integrado ao discurso, é também, de certa maneira, uma evocação à revolução. O filme americano sobre a Guerra de Secessão (sobre Custer) almejava evocar todas

as lutas de classe do século XIX; e até mesmo as do futuro.

Há uma mudança em *In girum imus nocte et consumimur igni* (Guy Debord, 1978) devido às inúmeras diferenças importantes: parte das imagens foram diretamente filmadas por mim; o texto foi escrito especificamente para o filme; e o tema do filme, por fim, não era mais o espetáculo, mas – ao contrário – a vida real. Os filmes que interrompem o discurso assim o fazem acima de tudo para apoiá-lo positivamente, mesmo havendo certa dimensão irônica (Lacenaire, o Diabo, o fragmento do Cocteau, ou a aniquilação do regimento de Custer). *A Carga da Brigada Ligeira* (Tony Richardson, 1968) quer “representar”, muito pesada e elogiosamente, uma dúzia de anos de ação da I.S.!

Quanto ao emprego da *música*, apesar de ser tão distorcida quanto todo o resto, é percebida por todos como dentro da normalidade, e possui uma intenção sempre positiva, “lírica”, jamais distanciada.

31 de Maio de 1989,

Guy Debord

Originalmente publicado em “*In girum imus nocte et consumimur igni.*” © Gallimard, 1999.

Guy Debord nasceu em 1931, em Paris. Escritor, editor, teórico e cineasta. Membro da Internacional Situacionista, da qual foi um dos fundadores em 1957. Em 1967 publicou o livro *A Sociedade do Espetáculo* e no ano seguinte foi uma das figuras que liderou a ala mais extrema do Maio de 1968. Também dirigiu os filmes *Réfutation de tous les jugements, tant élogieux qu’hostiles, qui ont été jusqu’ici portés sur le film “La Société du spectacle”* (1975) e *In girum imus nocte et consumimur igni* (1978).